



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS III - CENTRO DE HUMANIDADE  
DEPARTAMENTO DE LETRAS  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS-PORTUGUÊS**

**BÁRBARA LAÍZE DE LIMA PEQUENO**

**O ÍNTIMO DA NATUREZA HUMANA NA ESCRITA DE MACHADO DE ASSIS E  
TOLSTÓI: UM OLHAR SOBRE BRÁS CUBAS E IVAN ILITCH**

**GUARABIRA  
2022**

**BÁRBARA LAÍZE DE LIMA PEQUENO**

**O ÍNTIMO DA NATUREZA HUMANA NA ESCRITA DE MACHADO DE ASSIS E  
TOLSTÓI: UM OLHAR SOBRE BRÁS CUBAS E IVAN ILITCH**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo apresentado ao Departamento do Curso de Letras Português da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduada em Letras com habilitação em Língua Portuguesa.

**Área de concentração:** Literatura Comparada

**Orientadora:** Profa. Dra. Rosangela Neres Araújo da Silva

**GUARABIRA  
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

P345i Pequeno, Bárbara Laize de Lima.  
O íntimo da natureza humana na escrita de Machado de Assis e Tolstói [manuscrito] : um olhar sobre Brás Cubas e Ivan Ilitch / Bárbara Laize de Lima Pequeno. - 2022.  
22 p.

Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2022.  
"Orientação : Profa. Dra. Rosângela Neres Araújo da Silva, Departamento de Letras - CH."

1. Arte. 2. Literatura clássica e sociedade. 3. Machado de Assis. 4. Liev Tolstói. I. Título

21. ed. CDD B869.3

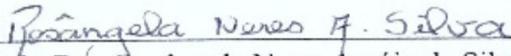
**BÁRBARA LAÍZE DE LIMA PEQUENO**

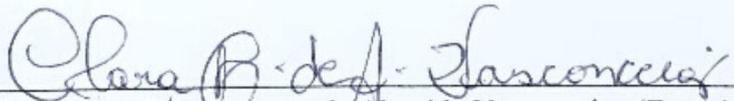
**O ÍNTIMO DA NATUREZA HUMANA NA ESCRITA DE MACHADO DE ASSIS E  
TOLSTÓI: UM OLHAR SOBRE BRÁS CUBAS E IVAN ILITCH**

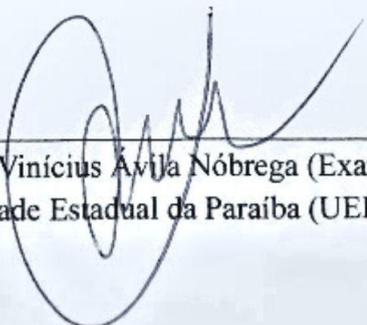
Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo apresentado ao Departamento do Curso de Letras Português da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduada em Letras com habilitação em Língua Portuguesa.

Aprovado em: 21/07/2022

**BANCA EXAMINADORA**

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dra. Rosângela Neres Araújo da Silva (Orientadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dra. Clara Mayara de Almeida Vasconcelos (Examinadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Paulo Vinícius Avila Nóbrega (Examinador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Aos meus afetos e entusiastas da  
literatura.

## AGRADECIMENTOS

A Deus por ter sempre ser o melhor guia que eu poderia ter, por ter iluminado meus passos para que eu chegasse até aqui.

À minha irmã gêmea, carinhosamente chamada de Beh, por ser meu maior alicerce desde meu primeiro minuto de vida. Não há nada capaz de expressar com devido afincio tudo que realmente sinto por tê-la em minha vida, sempre seremos uma pela outra até o último minuto. Ela é e sempre será o meu maior orgulho.

Ao meu pai, Márcio, por ser o homem mais amoroso do mundo, e ter me apoiado em cada escolha minha, que jamais deixou de acreditar em mim, por mais que, às vezes, eu me sentisse perdida, era ele quem me levantava e mostrava quem realmente sou. Enquanto ele existir, e até depois disso, sempre serei a sua pequena Barela.

Ao meu pequeno irmão, Kaio Enzo, por tornar os dias mais leves e ser a pessoa mais doce nos momentos mais difíceis; ele sempre me mostrou quão importante é manter a leveza de uma criança nos momentos em que o mundo parece desabar.

Ao grande amor da minha vida, Kelvin, por ser a pessoa que mais amável do mundo e quem mais apoia a minha paixão pela literatura. Desde o nosso primeiro dia juntos, percebemos nossa paixão em comum pela leitura, ela nos une, assim como é parte fundamental de nossas vidas. Agradeço por permanecer ao meu lado nessa longa jornada que é ser leitor. Nos momentos mais turbulentos, ele foi capaz de olhar nos meus olhos e continuar acreditando em mim.

Ao meu melhor amigo, Willy, por, desde 2014, ser família em minha vida. Amigos são a família que escolhemos e ele sempre provou ser um dos meus mais seguros alicerces, pois sempre esteve ao meu lado. É uma dádiva tê-lo por perto.

À minha prima Mile, por mostrar que a vida é cheia de percalços, mas não há nada impossível de ser feito e que, se eu me dedicar, serei capaz de fazer qualquer coisa com maestria. Obrigada por ser um ponto de refúgio em meio ao caos que temos em nossa volta. Sua importância em minha vida é imensurável.

À minha dupla de curso, Angel, por ter vivido tudo, ao longo de todos esses anos, ao meu lado incansavelmente. Quando estive me sentindo desgastada, ela me dava forças para continuar o lindo percurso que trilhamos. Enquanto sou um poço de agitação, ela é a calma dos meus dias, quem, com sua leveza, tem abraço casa. Sempre estarei aqui por você, minha amável Angel.

As minhas queridas amigas da graduação - Rita, Aline, Ju, Bel, Júnior, Sther, Tay, Gustavo, Amanda, Cielly e Pedro - eles foram as únicas pessoas as quais pude dividir meus altos e baixos ao longo do curso, toda essa jornada não teria sido a mesma sem eles. Cada um, em sua essência, foi capaz de ser o melhor de si todos os dias e sou imensamente grata por ter conhecido cada um deles. Há muito de vocês em mim, obrigada por isso.

Aos meus queridos afetos: Dona Fátima, Tio Orlando, Anna, Camila, Anna Paula, Geraldinho, Hélio, David e Délis que ressignificam o que chamo de família, eles foram capazes de me acolher nos melhores e piores momentos. Não há nada capaz de demonstrar toda a gratidão que sinto por conhecê-los. Obrigada por alegrarem os meus dias e serem família para mim.

À minha orientadora, carinhosamente chamada pelos meus amigos de minha mãe acadêmica e, por mim, de Rorô, que foi e sempre será o meu maior presente da graduação. Pude conhecê-la e não há nada que eu seja tão grata quanto isso. Ela é minha maior inspiração como ser humano e profissional. Obrigada por cada conversa, risada, abraço e sorriso. A senhora sempre será fundamental em minha vida, sou grata por sempre ter me olhado com carinho, assim como seu esposo, João Paulo, que demonstrou ter afeto por mim sem nem mesmo ter me visto pessoalmente. A humanidade se eleva por ter vocês dois integrando-a. Minha doce Rorô, obrigada por cada segundo, hoje e sempre.

“Meu olhar, enfarado e distraído, viu enfim chegar o século presente, e atrás dele os futuros. Aquele vinha ágil, destro, vibrante, cheio de si, um pouco difuso, audaz, sabedor, mas ao cabo tão miserável como os primeiros, e assim passou e assim passaram os outros, com a mesma rapidez e igual monotonia.” (ASSIS, 2014, p.55)

## RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo analisar as obras *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (2014) e *A morte de Ivan Ilitch* (2009), pontuando os aspectos críticos e reflexivos relevantes para a construção de seus protagonistas. Os objetivos específicos consistem em analisar a definição de arte que permeia as respectivas obras escolhidas, assim como os aspectos relacionados ao social que constituem ambas as narrativas. No que concerne à metodologia, o estudo do presente trabalho é de caráter descritivo, realizado por meio de uma pesquisa bibliográfica, de cunho qualitativo. Para embasar esta pesquisa, utilizamos como referencial teórico os estudos de Suassuna (2018); relacionado às questões iniciais sobre Estética; Tolstói (2019) acerca da definição de arte; Benjamin (1994) tendo em vista seu vasto estudo sobre as questões da narrativa; Perpétuo (2021), relacionado aos estudos específicos sobre Tolstói; Schwarz (2012) para os estudos específicos sobre Machado de Assis e Candido (2008) sobre os estudos relacionados a literatura e a sociedade. Para além disso, este trabalho buscou identificar a importância que se atribui aos cânones da literatura, em tempos contemporâneos, e compreender de que modo a literatura clássica é capaz de ressoar ao longo do tempo e do espaço.

**Palavras-chave:** Arte. Literatura clássica e sociedade. Machado de Assis. Liev Tolstói.

## ABSTRACT

This research aims to analyze the works *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (2014) and *The Death of Ivan Ilitch* (2009), pointing out the critical and reflective aspects relevant to the construction of their protagonists. The specific objectives consist of analyzing the definition of art that permeates the respective chosen works, as well as the social-related aspects that constitute both narratives. As far as methodology is concerned, the study of the present work is of a descriptive nature, carried out by means of a bibliographical research of a qualitative nature. To support this research, we used as theoretical reference the studies of Suassuna (2018); related to the initial questions about Aesthetics; Tolstoy (2019) about the definition of art; Benjamin (1994) in view of his vast study on the narrative issues; Perpetual (2021), related to the specific studies about Tolstoy; Schwarz (2012) for the specific studies about Machado de Assis and Candido (2008) about the studies related to literature and society. Furthermore, this paper sought to identify the importance that is attributed to the canons of literature in contemporary times and to understand in what way classical literature is able to resonate across time and space.

**Keywords:** Art. Classical literature and society. Machado de Assis. Liev Tolstói.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>12</b>
<b>2 MACHADO DE ASSIS E TOLSTÓI COMO REPRESENTAÇÃO DA ARTE</b>	<b>13</b>
<b>3 O SOCIAL COMO UM REALISMO INTRÍNSECO</b>	<b>15</b>
<b>4 DAS MÁXIMAS ÀS NEGATIVAS</b>	<b>18</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>22</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>22</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A literatura, em sua essência, sempre foi capaz de comunicar aquilo que, por vezes, não poderia ser dito por todo ou qualquer indivíduo. Nas mãos de poucos, se fez presente a máxima de conseguir colocar em palavras reflexões capazes de permear o material e o imaterial na humanidade. Para tanto, nas entrelinhas de determinadas obras, foram capazes de surgir manifestações intrínsecas à natureza humana. Nesse contexto, surge a literatura nomeada de literatura clássica, que é capaz de ressoar ao longo do tempo e do espaço. Essa, em sua grandeza, é capaz de nos passar uma mensagem mesmo tantos anos após as suas respectivas publicações.

Desse modo, a literatura comparada surge como pilar fundamental para a análise destas, uma vez que essa área é capaz de evidenciar o que, até então, não estava explícito e, logo, não era discutido na sociedade. A discussão das obras literárias é de fundamental importância para a elevação intelectual, é a partir do debate que o leitor passa a refletir sobre tudo que abarca a narrativa. Esse passa a entender que uma obra literária não se esgota em si mesma; ela ressoa de modo significativo no âmbito social. Para tanto, *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (2014) e *A morte de Ivan Ilitch* (2009) são capazes de proporcionar ao leitor um processo de identificação através do papel imprescindível dos narradores, assim como dos demais elementos que compõem as narrativas.

Para tanto, é através dessa conceituação que o presente trabalho terá como foco questões como os narradores e o social, que tratam de fatores imprescindíveis para análises das respectivas obras. A partir disso, é válido ressaltar que a motivação para esse trabalho surgiu devido ao profundo afeto que existe pela literatura clássica, uma vez que esta é capaz de agregar valor para a vida daqueles que se dedicam a estudar e pesquisar os autores que constituem o cânone literário.

A partir disso, o objetivo deste trabalho é analisar *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (2014) e *A morte de Ivan Ilitch* (2009), os aspectos críticos e reflexivos relevantes para a construção de seus protagonistas. E os objetivos específicos consistem em analisar a definição de arte que permeia as respectivas obras, assim como os aspectos relacionados ao social que constituem ambas as narrativas. Dessa maneira, o presente trabalho justifica-se pelo desejo de demonstrar quanto é agregado ao intelecto dos indivíduos a partir do debate acerca das reflexões propostas pelas obras escolhidas.

Para embasar essa pesquisa utilizamos como referencial teórico os estudos de Suassuna (2018), relacionado às questões iniciais sobre Estética; Tolstói (2019) acerca da definição de arte proposta pelo autor; Benjamin (1994) tendo em vista seu vasto estudo sobre as questões da narrativa; Perpétuo (2021), relacionado aos estudos específicos sobre Tolstói; Schwarz (2012) para os estudos específicos sobre Machado de Assis e Candido (2008) sobre os estudos relacionados a literatura e a sociedade.

No que concerne à metodologia, o estudo do presente trabalho é de caráter descritivo, realizado por meio de uma pesquisa bibliográfica, uma vez que esta “é um apanhado geral sobre os principais trabalhos já realizados, revestidos de importância, por serem capazes de fornecer dados atuais e relevantes relacionados ao tema” (LAKATOS, 2003, p. 158). Quanto a pesquisa realizada, esta caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo, pois foi realizada uma pesquisa comparativa de ambas as obras e autores.

Portanto, a estrutura do presente trabalho consiste em uma divisão de tópicos. O tópico a seguir abordará questões sobre o conceito de arte, e uma abordagem sobre questões da narrativa dos autores contemplados neste estudo. Por conseguinte, o terceiro tópico abordará a questão do social presente nas obras literárias como aspecto intrínseco. Em seguida, apresentamos as considerações finais e as respectivas referências utilizadas ao longo do trabalho.

## 2 MACHADO DE ASSIS E TOLSTÓI COMO REPRESENTAÇÃO DA ARTE

Diante do passar dos anos, a literatura ocupou um lugar fundamental e de destaque na vida de determinados indivíduos. Ela, por sua vez, foi, e é, capaz de auxiliar o indivíduo, enquanto espécie, em sua evolução, assim como funciona como uma cápsula do tempo, onde se faz possível enxergar e ler sobre tudo aquilo que já existe e pode vir a existir. Para além de tudo isso, a literatura é uma forma de arte que, em sua grandeza e magnitude, é capaz de ser a personificação de questões Estéticas e, desse modo, por vezes, da Beleza.

Ao adentrar esse universo onde textos fundamentalmente estéticos são de extrema importância, o ser humano é capaz de enxergar e buscar compreender a grandiosidade que é proporcionada pela leitura de determinadas obras e autores. Há muito tempo se fala sobre a grandeza proporcionada pela arte e a elevação intelectual que essa é capaz de proporcionar, porém, ao olhar para o panorama de estudos literários nos grandes centros das Letras, consoante Suassuna (2018), pouco se estuda sobre essas questões mais fundamentalmente estéticas e a importância que ela abarca. Para tanto, o autor Ariano Suassuna, em sua obra *Iniciação à Estética* (2018) aborda os primeiros conceitos relacionados à Beleza, ao Belo, ao Bem, etc., para que seja de conhecimento comum a importância da base arraigada por essas questões que nos auxiliam a entender a máxima que é a arte como um todo, mas, aqui principalmente, a literatura. Pois, essa, em boa parte de suas obras, principalmente as clássicas, nos fazem refletir sobre questões do íterim da humanidade.

Sob esse viés, até um tempo atrás, a Filosofia era considerada uma das poucas áreas capazes de apresentar, explicitamente, questões que gerassem reflexão no indivíduo, porém, a literatura, em sua essência, também é capaz de fazê-lo. Diante disso, Ariano Suassuna (2018) afirma:

A literatura não se opõe a uma abertura, tanto mais largas são suas vistas quanto mais firmes suas bases. Centra-se no ser, o que significa que não deixa o homem de lado. Pelo contrário, precisamente por isso, o homem tem reconhecido, na literatura, sua dignidade e sua primazia. O que ela tenta, é, nada mais, nada menos, do que resolver o problema do mundo para os homens, para cada homem em particular. E seria, de nossa parte, uma covardia muito grande abandoná-la, com o que ela tem de majestoso, de impotente e de desesperado também, de ardente, de vigoroso, de sólido, de amor pelo mundo, pela vida e pelo homem - abandoná-la somente por medo ou por um estéril espírito de novidade (SUASSUNA, 2018, p. 22).

A arte apresentada através da literatura de determinados autores é capaz de evidenciar questões intrínsecas ao ser humano e que permeiam este. Desse modo, é possível que a literatura apresente reflexões internas e externas ao indivíduo; ela caracteriza-se com o mais puro realismo, deixando explícito o que faz o social padecer ao longo dos anos, assim como aquilo que também adoce a essência da espécie humana, sendo necessária um momento de redenção na vida de determinados seres.

Partindo dessa ideia apresentada, é possível adentrar o espaço de discussão sobre a importância de determinadas obras, assim como a importância que é dada a cada autor a partir da definição do que é arte. Para tanto, é necessário reiterar que um desses autores, Tolstói, em vida, apresentou discussões sobre a definição de arte e sua importância na vida dos indivíduos; ele buscava uma definição que fosse irrefutável. Em sua obra *O que é arte?* (2019) o autor aponta que em um determinado momento, a sociedade passou a apenas representar os sentimentos da minoria dominante, enquanto a massa explorada não era representada.

Ao ler *O que é arte?* (2019), de Tolstói, é possível observar suas ferrenhas críticas sobre textos fundamentais da Estética, assim como comentários extremamente críticos acerca de cânones da arte, como é o caso de Shakespeare e Beethoven. O autor afirma que “habituar

as pessoas àquilo que lembra arte as torna desacostumadas a compreender a verdadeira arte” (2019, p.142). Nesse viés, a ideia central dessa análise, tendo como base certas definições, trata de evidenciar que Machado de Assis e o próprio Tolstói são capazes de se encaixar em algumas definições, pois o respectivo autor considera arte aquilo que é capaz de fazer o espectador sentir o mesmo que o próprio personagem sentiu, no caso de obras literária, ao longo do enredo. Sobre esse aspecto, Tolstói (2019) afirma:

É arte se um homem tendo experimentado na realidade ou em imaginação o horror do sofrimento ou a delícia do prazer, expressa esses sentimentos sobre a tela ou no mármore de tal maneira que outros sejam contagiados por eles. [...] Desde que os espectadores ou ouvintes sejam contagiados pelo mesmo sentimento que o autor experimentou, trata-se de arte. (TOLSTÓI, 2019, p.70)

Nas obras *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, e *A morte de Ivan Ilitch*, de Tolstói, é possível perceber como o indivíduo padece tanto física como psicologicamente. Os momentos de agonia e reflexão propostos em ambas as obras são capazes de fazer o leitor refletir que aquilo também poderia acontecer em sua vida, fazendo com que passe a se indagar quanto de si próprio, enquanto indivíduo social, também sofre dos mesmos males apresentados nos respectivos enredos. Por se tratarem de obras realistas e advindas de autores reconhecidos pelo seu alto teor crítico sobre as mazelas e distorções sociais, é possível perceber como fatores internos e externos à vida dos indivíduos são capazes de apresentarem consonâncias com a realidade, uma vez que determinadas questões que podem permear a vida dos leitores, assim como as dos personagens presentes nas respectivas obras escolhidas. Desse modo, em um determinado momento da narrativa, o leitor pode sentir-se em um estado de agonia, tal qual o personagem e passar a questionar-se sobre os feitos de sua existência.

Essa manifestação de ideias diz respeito ao fato dos autores aqui escolhidos serem capazes de transmitir a outros as questões, sentimentos e inquietações que permeiam os respectivos enredos propostos em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (2014) e *A morte de Ivan Ilitch* (2009). Para tanto:

Invocar em si mesmo um sentimento certa vez experimentado e, havendo-o invocado, transmiti-lo por meio de movimentos, linhas, cores, sons, imagens expressas em palavras, de forma que outros vivenciem o mesmo sentimento – nisso consiste a atividade da arte. Portanto, arte é a atividade humana que consiste em um homem conscientemente transmitir a outros, por certos sinais exteriores, os sentimentos que ele vivenciou, e esses outros serem contagiados por esses sentimentos, experimentando-os também. (TOLSTÓI, 2019, p.70)

Nesse mesmo pensamento, referindo-se a pluralidade de experiências que uma leitura pode proporcionar, Umberto Eco, em sua coletânea de ensaios intitulada *Sobre a literatura* (2003), nos apresenta a ideia de que as obras literárias nos oferecem uma pluralidade de interpretações, pontuando a questão da liberdade de interpretações. O leitor passa a ser convidado a usufruir das ambiguidades que a vida oferece para que a experiência da leitura seja efetivada. Mas, deve-se atentar ao fato de que, para que toda essa pluralidade possa existir, é necessário que haja respeito por tudo aquilo proporcionado pela literatura. Assim como pode-se perceber:

A leitura de obras literárias nos obriga a um exercício de fidelidade e de respeito na liberdade de interpretação. Há uma perigosa heresia crítica, típica de nossos dias, para qual uma obra literária pode-se fazer o que se queira, nelas lendo aquilo que

nossos mais incontrolláveis impulsos nos sugerirem. Não é verdade. As obras literárias nos convidam à liberdade da interpretação, pois propõem um discurso com muitos planos de leitura e nos colocam diante das ambiguidades e da linguagem e da vida. Mas para poder seguir neste jogo, no qual cada geração lê as obras literárias de modo diverso, é preciso ser movido por um profundo respeito para com aquela que eu chamo de literatura. (ECO, 2003, p.12)

Sob esse aspecto, ao entrar em contato com as vivências de Brás Cubas e Ivan Ilitch, o leitor passa a questionar-se sobre os acontecimentos, em como eles são um padrão, e sobre uma crítica ao que acontece na sociedade, há uma pluralidade de interpretações que podem ser feitas através da leitura das respectivas obras. Porém, as relações humanas apresentam, por vezes, um padrão no qual semelhanças podem ser apontadas. É possível perceber a decadência dos dois personagens através do que é vivenciado por ambos, assim como tudo que é sentido. O desejo de grandeza, a magnitude dos pensamentos em deixar uma marca no mundo e perceber quão maléfica essa seria, faz os personagens sucumbirem, na mesma proporção em que a morte os oferece uma redenção, como uma luz no fim do túnel. Desse modo, o leitor passa a contagiar-se e sentir a mesma agonia que os personagens apresentam. E, nesse sentido, acabam por encontrar-se na definição de arte aqui apresentada, como proporcionador de um intercâmbio humano necessário e que une os indivíduos sociais.

Diante disso, a arte, em especial a literatura, não deve ter um fim em si mesmo, seu propósito deve ir além do material e assim o faz as obras aqui escolhidas. Machado de Assis e Tolstói são perpetuadores de um realismo escancarado que coloca em evidência o quanto somos doentes pela ideia de grandeza e as consequências que isto acarreta. Percebe-se que o imaterial, a ideia do que realmente importa, perpassa o consciente e inconsciente dos indivíduos, em especial de Brás Cubas e Ivan Ilitch, fazendo-os ponderar sobre a magnitude da vida, da verdadeira riqueza e felicidade, e, para tanto, faz com que os leitores passem a questionar-se do mesmo modo. Com isso, evidencia-se a importância não só de Machado de Assis e Liev Tolstói, mas, sim, do poder da literatura nos indivíduos.

### 3 O SOCIAL COMO UM REALISMO INTRÍNSECO

Joaquim Maria Machado de Assis, nascido em 1839, e Liev Tolstói, nascido em 1828, respectivamente, representam um marco imponente na história da literatura de suas respectivas nacionalidades. Seguindo a linearidade do tempo, Tolstói, dentre os dois autores aqui escolhidos, é o que primeiro apresentou uma grande importância no cânone literário. Nascido em Iásnaia Poliana, Liev Tolstói foi, no início de sua vida, um retrato fiel de filho de fidalgos, tendo a vida regada de caprichos, viveu os anos iniciais de sua juventude em jogos e farras. Chegou a escrever sobre suas vivências, da infância e da sua juventude, em alguns livros e contos, após adentrar no serviço como oficial ao lado do seu irmão Nikolai, em 1851. Os dias ao lado da natureza e do olhar atento para os acontecimentos fizeram com que Tolstói tomasse prazer pela escrita e, com isso, escreveu obras como *Infância* (1852) e *Adolescência* (1953) e *Contos de Sebastópolis* (1855). Todas essas obras, no início da sua vida como escritor, já demonstravam uma imensa maturidade e personalidade forte.<sup>1</sup>

Após viver determinados momentos desgostosos como oficial, o autor russo passa a ter desgosto pela profissão com armas e, devido a isso, se instala definitivamente em Iásnaia Poliana. Diante desse fato, ele passou a ter um olhar mais atento para a vida dos camponeses, na Rússia chamados de mujiques, e em seguida dedicou-se a estudar métodos de ensino e, quando retornou a sua propriedade, passou a dedicar-se em uma escola rural, fato marcante em sua vida como um dos propulsores para a mais nova faceta de Tolstói. Com o passar dos

<sup>1</sup> As informações sobre Liev Tolstói são mediadas pelos estudos de Perpetuo (2021).

anos, obras como *Guerra e Paz* (1869) e *Anna Kariênina* (1877) surgiram e tornaram-se obras muito importantes para o cânone literário. Respectivamente, trata-se de uma obra épica e de beleza arquitetônica que logo conquistou ávidos leitores e a crítica literária. O segundo trata-se de um quadro da sociedade vigente; não apresenta o mesmo caráter épico apresentado em *Guerra e Paz* (1869), mas não deixa a desejar em momento algum ao abordar um vasto quadro da sociedade russa de sua época, regadas de escândalos e da mais alta burguesia.

Liev Tolstói, após um tempo, passou a dedicar sua vida aos mujiques, decidiu que sua vida seria melhor usufruída se servindo ou sendo iguais àqueles que lhe serviam. Desse modo, o autor russo passa a abdicar dos seus direitos autorais dos livros, assim como se desfazer de tudo que pudesse ser considerado luxo. Dentre as inúmeras peripécias realizadas por Tolstói, a que mais chama a atenção é ele ter deixado sua casa para seguir em uma peregrinação e morrer poucos dias após sua partida, em uma estação de trem. Para tanto, Irineu Franco Perpetuo, um grande estudioso da cultura e literatura russa, em seu livro *Como ler russos* (2021), nos apresenta um compilado de capítulos sobre autores russos:

Ao longo de toda a história da literatura russa, o escritor russo nunca foi visto pelo público leitor como “simplesmente” um poeta, jornalista, filósofo ou escriba - ou seja, uma pessoa exprimindo com liberdade seus pensamentos ou sentimentos, ou meramente entretendo o leitor. O escritor russo sempre foi visto como um profeta ou pregador, um livre-pensador perigoso, ou um revolucionário. A própria habilidade em manipular palavras e articular pensamentos colocava o indivíduo em uma posição suspeita. A palavra era vista como uma arma muito mais temível do que veneno ou punhais. Um assassino podia ser condenado “apenas” a uma longa sentença de é pesados, mas uma pessoa poderia receber pena de por ler poemas proibidos. Esse é um ponto de vista maravilhoso. Proclama a primazia da literatura sobre a vida, dos sonhos sobre a realidade, da imaginação sobre os fatos. Ele diz: A vida é nada - uma neblina, uma miragem, fata morgana. Mas a palavra, seja falada ou impressa, representa um poder maior que de um átomo. (PERPETUO, 2021, p. 72)

Desse modo, ao analisar esse pensamento de Perpetuo (2021), é possível perceber o impacto da literatura russa na sociedade. Com isso, por Liev Tolstói tratar-se de um dos mais renomados autores russos, estando lado a lado com Fiódor Dostoiévski, é possível compreender a importância dos escritos deste. Ao escrever uma obra, ele não apenas estaria colocando em evidência um enredo qualquer, mas, muitas vezes, as vivências de uma época, de uma nação, sobretudo as mazelas que assolavam o meio social diante do governo vigente. Olhar e ler as obras de Tolstói significa entrar em contato com a sociedade russa, não apenas retratada, mas escancarada em suas entrelinhas. Tolstói foi censurado algumas vezes e este fato se perpetua devido as suas reflexões filosóficas e moralizantes.

Além disso, o outro autor aqui escolhido para análise trata-se de Joaquim Maria Machado de Assis, nascido em 1839, na Chácara do Livramento, no Rio de Janeiro. Inicialmente teve uma vida comum de estudos e trabalho. Desde muito cedo demonstrou-se interessado pelos estudos e pela literatura, sempre que podia dedicava-se a ler aquilo que lhe interessava. Passava horas e horas lendo, e já começara a escrever suas primeiras poesias. Em sua juventude, Machado de Assis passou a trabalhar como tipógrafo, porém era um mau funcionário, sempre que podia, e até mesmo quando não podia, escondia-se no local de trabalho para realizar as suas leituras. Em 1864, teve seu primeiro livro publicado, um livro de poesias chamado *Crisálidas*, em seguida vieram obras como *Contos Fluminenses* (1870) e *Ressurreição* (1872). Após alguns anos, Machado de Assis casou, foi nomeado oficial da

Secretaria do Estado do Ministério da Agricultura e, em 1873, após já ser reconhecido, fundou, com outros intelectuais importantes, a Academia Brasileira de Letras.<sup>2</sup>

Machado de Assis esteve presente em duas correntes literárias, sendo assim, suas obras são divididas por fases. Livros como *Ressurreição* (1872), *A Mão e a Luva* (1874), *Helena* (1876) e *Iaiá Garcia* (1878) são caracterizadas como obras da sua primeira fase, a fase romântica. Tratam-se de obras com uma certa linearidade, final feliz ou trágico, personagens movidos pelo interesse, mas trata-se de uma narrativa menos descritiva, ou seja, a escrita de Machado era uma inovação. O livro que o fez adentrar no realismo foi *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), o qual apresenta um retrato da época, evidenciando toda a miséria humana que não era escancarada na sociedade, o renomado autor brasileiro é conhecido pelo seu tom irônico, mas arraigado de uma crítica dilacerante. A ideia do defunto autor sugere que, apresentando as memórias póstumas, agora ele será capaz de falar sobre aquela sociedade que ele via padecer, mas, que até então, não era evidenciada. Como é possível observar no seguinte trecho:

Talvez espante ao leitor a franqueza com que lhe exponho e realço a minha mediocridade; advirta que a franqueza é a primeira virtude de um defunto. Na vida, o olhar da opinião, o contraste dos interesses, a luta das cobiças obrigam a gente a calar os trapos velhos, a disfarçar os rasgões e os remendos, a não estender ao mundo as revelações que faz à consciência; e o melhor da obrigação é quando, à força de embaçar os outros, embaça-se um homem a si mesmo, porque em tal caso poupa-se o vexame, que é uma sensação penosa, e a hipocrisia, que é um vício hediondo. Mas, na morte, que diferença! que desabafo! que liberdade! Como a gente pode sacudir fora a capa, deitar ao fosso as lantejoulas, despregar-se, despintar-se, desafeitar-se, confessar lisamente o que foi e o que deixou de ser! (ASSIS, 2014, p. 95)

Desse modo, é possível perceber, também, a questão do social intrínseco à estrutura da obra. Não há como falar de Machado de Assis e de Liev Tolstói sem apontar o grande teor crítico social que perpassa suas respectivas obras. Segundo Roberto Schwarz (2012), em sua obra *Um Mestre na periferia do capitalismo*, “o dispositivo literário capta e dramatiza a estrutura do país, transformada em regra de escrita” (p.11), ou seja, Machado compunha uma expressão da sociedade decadente de sua época, o homem que figurava sua sociedade, em suas obras, não era apresentado como um ideal a ser seguido, mas, sim, um problema a ser resolvido. Era retratada, através da ironia machadiana, uma sociedade brasileira marcada por ser escravista e composta por uma burguesia dominante.

Sob esse viés, o autor Antonio Candido, em sua obra *Literatura e Sociedade* (2008), apresenta a importância do social dentro de uma obra literária. Em primeira instância, e leitura, pode não ocorrer ao leitor o quanto de uma época está presente em uma obra literária. Mas, ao olhar com mais afino, realizando uma leitura mais minuciosa, é possível perceber o viés crítico que um determinado autor deseja apresentar. Para tanto, Antonio Candido (2008) aponta:

Quando fazemos uma análise desse tipo, podemos dizer que levamos em conta o elemento social, não exteriormente, como referência que permite identificar, na matéria do livro, a expressão de uma certa época ou de uma sociedade determinada; nem como enquadramento, que permite situá-lo historicamente; mas como fator da própria construção artística, estudado no nível explicativo e não ilustrativo. Neste caso, saímos dos aspectos periféricos da sociologia, ou da história sociologicamente

---

<sup>2</sup> As informações sobre Machado de Assis são mediadas pelos estudos de Scharwz (2012).

orientada, para chegar a uma interpretação estética que assimilou a dimensão social como fator de arte. (CANDIDO, 2008, p. 16-17).

O social começa a surgir, ao olhar do leitor, a partir do momento que ele começa a indagar-se sobre os segmentos sociais, assim como as relações que permeiam os personagens. A partir disso, o leitor passa a enxergar a universalidade dos fatos, como as questões reflexivas que são levantadas por cada autor, seja ele Machado de Assis ou Tolstói, proporcionarão a identificação daquele que lê. Pois, em síntese, a obra não se trata de apenas uma representação do que existe, mas comunica o que, até então, não estava evidente e o escancara de modo que torna possível perceber que o princípio que rege a narrativa, trata-se da manifestação e instigação daquele sentimento de indignação no leitor.

Dessa maneira, além dessas questões mais implícitas, pode-se perceber semelhanças em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, e *A morte de Ivan Ilitch*, de Liev Tolstói, através de aspectos como: a representação do desejo dos personagens em exercer um cargo público, assim como o reconhecimento, gerando momento de glórias. Porém, ao perceber que isto se trata do ínfimo da vida, cada personagem, tanto Brás Cubas quanto Ivan Ilitch, passam a questionar qual o sentido de suas vidas, assim como qual seria a real felicidade. As memórias póstumas do defunto autor oferecem ao leitor a ideia de que ele se libertou e que agora não está mais imerso às mazelas que antes o assolavam. Ivan Ilitch, por sua vez, morre em vida, moralmente, antes de obter a morte física. Nesse sentido, cada personagem apresenta o mais íntimo da natureza humana, o seu desejo de grandeza, que, por vezes, pode soar desprezível, mas que inspiram significativas narrativas realistas. O curso de cada narrativa nos mostra a pluralidade de facetas de cada personagem, mas como essas o subordina, levando-o a padecer ao longo da vida, e ao desejo de uma redenção para suas respectivas existências.

#### 4 DAS MÁXIMAS ÀS NEGATIVAS

Ao falar sobre um romance, é possível questionar-se sobre o que irá compor toda narrativa, como ela estará disposta ao longo das páginas e como será apresentada. Diante disso, o narrador apresenta-se como parte fundamental desta, sendo este onipresente, onisciente, ou qualquer outro, a sua importância dar-se-á como peça magistral de uma determinada obra literária. Sendo a literatura indissociável do social de uma época e lugar, muito dessa indissociabilidade estará presente nos narradores. Estes influenciam em vários aspectos ao longo de uma obra, pois as entrelinhas de um texto carregam marcas que fazem a narrativa perdurar no tempo e espaço. Para tanto, Benjamin (1994, p. 6) aponta que “a narrativa não se entrega. Ela conserva suas forças e depois de muito tempo ainda é capaz de se desenvolver”.

Em muitos aspectos, é possível apontar o que faz as obras *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, e *A morte de Ivan Ilitch*, de Liev Tolstói, perdurarem e se desenvolverem ao longo do tempo e espaço. Porém, pode-se dizer que os narradores desses textos influenciam em grande parte nesse aspecto, pois a sua influência é evidente ao longo das passagens e decorrer da narrativa. Cada um, particularmente falando, é capaz de evidenciar não somente características explícitas de cada autor, como também são capazes de apresentar, de forma intrínseca, aquilo que poderia ser encontrado em cada época abordada em ambos os textos literários.

Além disso, a forma como cada narrador apresenta-se é capaz de evidenciar o grau de observância, crítica e questionamento que cada um apresenta tanto sobre questões mais palpáveis quanto mais abstratas. No aspecto mais palpável, encontram-se os personagens

enquanto seres constituintes de uma sociedade e todo o conhecimento que os narradores apresentam sobre estes. Já no campo mais abstrato, encontra-se todo o conhecimento que os narradores abarcam sobre aquilo que pode influenciar o comportamento humano. Trata-se de um questionamento sobre o íntimo de cada personagem, questões mais metafísicas. Com isso, o narrador passa a exercer um papel que apresenta sabedoria, além de aconselhar o leitor, ele obtém conhecimento sobre a verdade, assim afirma Benjamin (1994):

O narrador é um homem que sabe dar conselhos. Mas, se “dar conselhos” parece hoje algo antiquado, é porque as experiências estão deixando de ser comunicáveis. Em consequência, não podemos dar conselhos nem a nós mesmos nem aos outros. Aconselhar é menos responder uma pergunta do que fazer uma sugestão sobre a continuação de uma história que está sendo narrada. Para obter essa sugestão, é necessário primeiro saber narrar a história (sem contar que um homem só é receptivo a um conselho na medida em que verbaliza a sua situação). O conselho tecido na substância viva da existência tem um nome: sabedoria. A arte de narrar está definindo porque a sabedoria - o lado épico da verdade - está em extinção. (BENJAMIN, 1994, p.4)

Dessa forma, Machado de Assis e Tolstói, ao escolherem que tipo de narrador seria apresentado nas respectivas obras, apresentam conhecimento não apenas do lado superficial que muitos autores conheciam. A primazia desses autores proporcionou a construção de narradores capazes de influenciar diretamente no desenvolvimento de uma narrativa, assim como na construção e na exposição de questões do personagem, como também da época. Machado de Assis é um dos maiores exemplos disso, uma vez que, em suas narrativas, principalmente em *Memórias Póstumas*, uma de suas marcas distintivas é a participação do interlocutor no processo de ficção, pois o leitor é convocado, diretamente, pelo narrador. Como pode evidenciar-se no seguinte trecho:

Um tio meu, cônego de prebenda inteira, costumava dizer que o amor da glória temporal era a perdição das almas, que só devem cobiçar a glória eterna. Ao que retorquia outro tio, oficial de um dos antigos terços de infantaria, que o amor da glória era a cousa mais verdadeiramente humana que há no homem, e, conseqüentemente, a sua mais genuína feição. Decida o leitor entre o militar e o cônego, eu volto ao emplasto. (ASSIS, 2014, p. 37)

Esse processo de questionamento para com o leitor oferece uma ideia de inquietação sobre o que pode vir a acontecer de acordo com o que for escolhido. O narrador põe em discussão o julgamento do leitor, entregando-lhe a tarefa de decidir e averiguar qual opção seria melhor através de uma ponderação. E essa se equivale não de algo apenas referente ao personagem, mas trata-se de um questionamento de ordem geral, ou seja, que pode ser feito por nós enquanto leitores, no qual devemos decidir o que é de verdadeiramente humano existe.

Além disso, os narradores presentes em *Brás Cubas* e *Ivan Ilitch* são capazes de nos antecipar informações sobre a vida e relações pessoais que serão apresentadas ao longo das duas narrativas. Para tanto, Benjamin (1994) apresenta alguns apontamentos sobre a questão dessa antecipação, em sua obra *O Narrador*, na qual se observa que “os narradores gostam de começar sua história com uma descrição das circunstâncias em que foram informados dos fatos que vão contar a seguir, a menos que prefiram atribuir essa história a uma experiência autobiográfica.” (BENJAMIN, 1994, p.7). Desse modo, é possível perceber, no início das respectivas obras, essa característica dos narradores, uma vez que Machado de Assis, assim como Tolstói, antecipam questões relacionadas às relações pessoais dos personagens. Como é possível observar:

Dito isto, expirei às duas horas da tarde de uma sexta-feira do mês de agosto de 1869, na minha bela chácara de Catumbi. Tinha uns sessenta e quatro anos, rijos e prósperos, era solteiro, possuía cerca de trezentos contos e fui acompanhado ao cemitério por onze amigos. Onze amigos! Verdade é que não houve cartas nem anúncios. Acresce que chovia - uma chuvinha miúda, triste e constante [...] Viram-me ir umas nove ou dez pessoas, entre elas três senhoras, minha irmã Sabina, casada com o Cotrim, a filha - um lírio do vale - e... Tenham paciência! Daqui a pouco lhes direi quem era a terceira senhora Contentem-se de saber que essa anônima, ainda que não parenta, padeceu mais do que as parentas. [...] Nem o meu óbito era coisa altamente dramática... Um solteirão que expira aos sessenta e quatro anos não parece que reúna em si todos os elementos de uma tragédia. (ASSIS, 2014, p.34-35)

É possível perceber, através do trecho mencionado, as poucas relações que a personagem Brás Cubas possuía, assim como o mistério e entrelaçamentos de momentos futuros um tanto conturbados em relação a essa misteriosa terceira pessoa que, ao ler o trecho, é possível ter como interpretação que se trata de um amor passado. Ademais, o número de indivíduos presentes no velório nos mostra, também, o grau de importância da personagem para com os demais, uma vez que o narrador também nos apresenta que não houve anúncio de sua morte, muito menos cartas informando seu falecimento para outros. Tudo jazia em um dia úmido e frio, seguido de uma chuva miúda, triste e constante. Assim como, o próprio personagem, através da narração inicial, nos apresenta que sua vida não foi regada de muitas reviravoltas, tratava-se de algo simplório, monótono, a qual ele mesmo considera não ser grande coisa, utilizando-se dos termos de que “Nem meu óbito era coisa altamente dramática” (ASSIS, 2014, p.35)

Sob esse mesmo viés, são apresentadas, em *A morte de Ivan Ilitch* (2009), as poucas facetas da vida de um funcionário público que, em seus momentos de glória, o máximo de feitos que conseguiu em sua vida foi buscar ascender socialmente, através da conquista das aparências. Com isso, devido às questões de interesse que permeiam o social, e que por sinal também estão presentes em Brás Cubas, vê-se como os mais próximos ao personagem Ivan Ilitch não são capazes de se importar de fato com seu falecimento, mas, sim, com os benefícios que esta traria para vida profissional e, posteriormente, aos futuros lucros dos que ali o rodeavam. Como é possível perceber no trecho a seguir:

Ivan Ilitch era colega dos cavalheiros ali reunidos, e todos gostavam dele. Estivera doente algumas semanas; dizia-se que a sua doença era incurável. Não fora substituído no cargo durante a moléstia, mas sugeria-se que, no caso da sua morte, seria provavelmente substituído por Aleksiéiev, e este, no seu cargo, por Vínikov ou Stábel. De modo que, ao ouvirem a notícia da morte de Ivan Ilitch, o primeiro pensamento de cada um dos que estavam reunidos no gabinete teve por objeto a influência que essa morte poderia ter sobre as transferências ou promoções tanto dos próprios juízes como dos seus conhecidos. (TOLSTÓI, 2009, p. 9-8)

Percebe-se, portanto, que na vida de ambos os personagens dos distintos livros, suas relações permeiam o superficial, uma vez que, em Brás Cubas, poucos demonstravam se importar com sua morte nada trágica, mas, sim, simplória. Assim como em Ivan Ilitch que, acometido mais por uma questão psíquica do que realmente física, padeceu ao indagar-se o que de fato teria feito em sua vida, e o mesmo ocorreu em Brás Cubas. A ideia de comparar esses prenúncios da vida dos personagens, oferece um panorama do que vir a esperar da monótona vida dos personagens principais. Ambas as obras carregam a ideia da morte no título, evidenciando um fim que, logo nas primeiras páginas, nos mostra que não é rodeado de alegorias fantásticas ou coisas parecidas, mas, sim, trata-se de dois fins que coincidem com o padecimento do pensamento sobre o que os personagens fizeram de grandioso em suas vidas.

Para tanto, ambas as obras terminam com a máxima de que nada tão extraordinário foi vivido, ou feito.

Desse modo, a morte não assusta de fato os personagens, ela é uma espécie de redenção em meio ao turbilhão da agonia presente na mente e na existência deles. Sob essa perspectiva, Benjamin (1994) apresenta a ideia de que “é no momento da morte que o saber e a sabedoria do homem e, sobretudo sua existência vivida – é dessa substância que são feitas as histórias - assumem pela primeira vez uma forma transmissível.” (p.8). Assim, tanto Brás Cubas, quanto Ivan Ilitch, mostram-se em um conflito interno com tudo que é vivido, a máxima apresentada na respectiva obra de Machado de Assis se apresenta no final do livro, no momento em que o defunto autor nos apresenta o capítulo das negativas:

Este último capítulo é todo de negativas. Não alcancei a celebridade do emplasto, não fui ministro, não fui califa, não conheci o casamento. Verdade é que, ao lado dessas faltas, coube-me a boa fortuna de não comprar o pão com o suor do meu rosto. Mais; não padei a morte de Dona Plácida, nem a semidemência do Quincas Borba. Somadas umas coisas e outras, qualquer pessoa imaginará que não houve mingua nem sobra, e conseqüentemente que saí quite com a vida. E imaginará mal; porque ao chegar a este outro lado do mistério, achei-me com um pequeno saldo, que é a derradeira negativa deste capítulo de negativas: - Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria. (ASSIS, 2014, p. 356)

A redenção de Brás Cubas foi apresentada ao não ter filhos, de modo que toda a miséria daquele contexto social e de sua vida não fossem repassados para outra geração. Com isso, toda e qualquer mazela que assolava o personagem teria fim nele próprio, a ironia crítica de Machado se faz presente tanto implícita como explicitamente. Benjamin (1994) aborda também questões sobre essa agonia interior dos personagens, apontando que esse momento, no caso as negativas de Brás Cubas, faz o personagem enxergar o inevitável, tanto suas mazelas quanto máximas que eram positivas. Para tanto, Benjamin (1994) aponta que:

Assim como no interior do agonizante desfilam inúmeras imagens - visões de si mesmo, nas quais ele se havia encontrado sem se dar conta disso -, assim o inesquecível aflora de repente em seus gestos e olhares, conferindo a tudo o que lhe diz respeito aquela autoridade que mesmo um pobre-diabo possui ao morrer, para os vivos em seu redor. Na origem da narrativa está essa autoridade. (BENJAMIN, 1994, p.8-9)

Com isso, pode-se também enxergar os momentos de agonia que permeiam Ivan Ilitch, na obra de Tolstói. O personagem passa a indagar sobre toda sua vida e sua real felicidade momentos antes da sua morte; ele passa dias e dias refletindo sobre tudo que conquistou e viveu. A agonia presente em suas reflexões o faz questionar o que de fato era verdadeiro em sua vida, Ivan Ilitch reflete ao se perguntar “será possível que somente *ela* seja verdade?” (2009, p. 51). É possível perceber, com o contexto apresentado na obra, que a dor a qual Ivan Ilitch se refere não se trata unicamente de questões físicas, uma vez que a ideia da grandeza social o assolava, que ele tinha uma alegria insignificante, pois as lembranças que realmente importava eram as mais distantes de tudo aquilo que ele vivia. Pois, para Ivan Ilitch, “quanto mais longe da infância, quanto mais perto do presente, tanto mais insignificantes e duvidosas eram as alegrias.” (TOLSTÓI, 2009, p.67)

Desta maneira, é possível perceber como os dois personagens escolhidos para a análise se assemelham em suas misérias humanas. Ambos os personagens almejavam uma vida pública, regada de holofotes, mas, ao olhar de fato para tudo que acarretava, e acarretou, toda essa atenção, a angústia passa a assolar Brás Cubas e Ivan Ilitch como se tudo aquilo que eles presenciaram e viveram fosse vazio e sem sentido, toda a magnitude de sua ganância

culmina em um mar de alegrias insignificantes, transeuntes e superficiais. Para tanto, nesse momento, o leitor é capaz de questionar-se sobre qual o sentido da vida, quais as reais alegrias que poderiam e deveriam ser consideradas. Sob essa perspectiva, Benjamin (1994) diz:

Com efeito, "o sentido x da vida" é o centro em torno do qual se movimenta o romance. Mas essa questão não é outra coisa que a expressão da perplexidade do leitor quando mergulha na descrição dessa vida. Num caso, "o sentido da vida", e no outro, "a moral da história" - essas duas palavras de ordem distinguem entre si a narrativa, permitindo-nos compreender o estatuto histórico completamente diferente de uma e outra forma. (BENJAMIN, 1994, p.11-12)

Portanto, com as ideias apresentadas, evidencia-se o poder da literatura na vida do leitor, sendo esta capaz de suscitar uma reflexão que vai além do material, que permeia o metafísico. Os autores, narradores e personagens, em seu conjunto e construção, são capazes de formar um alicerce capaz de fundir no leitor a dúvida sobre suas respectivas máximas e negativas, sobre o que de fato seria real. O leitor, ao realizar a leitura de uma obra, cumpre um papel crítico e reflexivo.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho apresentou como pilar principal a análise do reconhecimento do leitor a partir das leituras das obras *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, e *A morte de Ivan Ilitch*, de Liev Tolstói. Para tanto, foram analisadas alguns aspectos das obras, partindo do pressuposto de que ambas apresentam aproximações importantes, uma vez que estão presentes na mesma corrente literária, assim como os respectivos autores escolhidos têm como marca principal o alto teor crítico presente em suas escritas.

Por meio dessa pesquisa, foi possível evidenciar como os pressupostos teóricos acerca do conceito de arte aqui apresentados, consoante Tolstói (2019), são aplicáveis à ideia de que as obras escolhidas são capazes de fazer com que o leitor se reconheça a partir das reflexões que são levantadas. Para tanto, a comparação entre os personagens narradores de ambas as obras fez-se presente ao longo do trabalho, uma vez que realizar uma comparação trata-se de um mecanismo inato à humanidade. Desse modo, evidencia-se um ponto que também foi abordado ao longo do trabalho: a importância da arte, principalmente da literatura, na vida do indivíduo, para uma elevação intelectual e sociocultural.

Para além disso, este trabalho buscou ratificar a importância e compreensão da presença da obra clássica para o leitor. A literatura clássica possui uma grande importância, sendo ela capaz de ressoar ao longo do tempo e do espaço. Uma obra literária que hoje é considerada clássica, um dia foi um contemporâneo e hoje continua a nos informar sobre a vida e o social. Ao apresentar as entrelinhas propostas por Machado de Assis e Liev Tolstói, somos capazes de compreender e problematizar sobre o hoje, a partir das máximas e das negativas de cada personagem, que representa a vivência do indivíduo. Com isso, espera-se que esse trabalho seja capaz de inspirar outros pesquisadores a buscarem um olhar crítico para a literatura clássica, observando sua contribuição social e suas reflexões para as gerações vindouras.

## REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. **Memórias Póstumas de Brás Cubas**. 1. ed. São Paulo: Penguin Classic Companhia das Letras, 2014.

BENJAMIN, Walter. **O Narrador**. In: \_\_\_\_\_. Magia e Técnica, Arte e Política- ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas, volume 1, 2. ed, São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

CÂNDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade**. 10. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2008.

CARVALHAL, Tânia Franco. **Literatura comparada**. 4. ed. rev e ampliada. São Paulo: Ática, 2006.

ECO, Umberto. **Sobre a literatura**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

PERPETUO, Irineu Franco. **Como ler russos**. 1. ed. São Paulo: Todavia, 2021.

SCHWARZ, Roberto. **Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis**. 2. ed São Paulo: Editora 34, 2012.

SIFFERT, Alysson Quirino. O realismo do fantástico em Machado de Assis. **Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da UFPI**. Teresina, v.9, n.2, jun./dez. 2020. p. 153-173.

SUASSUNA, Ariano. **Iniciação à Estética**. 15. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

TOLSTÓI, Lev. **A morte de Ivan Ilitch**. Tradução de Boris Schnaiderman. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2009.

TOLSTÓI, Leon. **O que é arte?**. Tradução de Bete Torii. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.